



O ESPÍRITO

Rompeu-se a grade.
2 Pássaro livre plana, plana...

No solo profundo,
partiu-se o grilhão de pedra.
5 A fonte corre, corre...

O livro continha letras enfileiradas,
correntes encarcerando a ideia.
8 Mas a ideia era chama e fugiu...

(*) Contista, romancista, e poeta do grupo dos «novíssimos», cursava o 5º ano da Faculdade de Direito de S. Paulo, quando desencarnou. Nos últimos tempos de ginásio, colaborava nos jornais de Itápolis. Depois encetou a publicação de poesias e contos nos periódicos *Álvares de Azevedo*, *Tribuna Liberal*, **XI** de Agosto, etc. Orador oficial da Associação

Cântico que persistes nas lonjuras do céu,
onde a garganta que te soltou a melodia das masmorras de
[sombra
para a festa dos sóis?
Perfume que vagas, aéreo,
onde a flor que te vazou a essência da terra limitada
para o espaço infinito?
Quem és, luz que esgarçaste a bruma de todas as prisões?

- 16 Ave, regato, pensamento, som, aroma,
tudo que voa no sem fim,
alga consciente e imóvel, no oceano do tempo,
sou eu,
o Espírito que transcende os estágios da carne e as máscaras
[da morte,
para ser em triunfo
22 o pólen do Universo!

Acadêmica «Álvares de Azevedo», aos 19 anos já «era o representante intelectual do corpo discente da Faculdade» (*apud Xangô e...*, pág. 12). Em 1936, foi eleito presidente da referida Associação Acadêmica. Redigiu, com Osmar Pimentel e Mário da Silva Brito, a folha universitária *Anhanguera*. Participou do movimento intelectual da «Bandeira», chefiado por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. Membro da Academia de Letras da Faculdade. Ulisses Guimarães (*apud Dic. Aut. Paul.*, página 469) disse que ele «foi um lírico, como tal eminentemente subjetivo». «Seus poemas,» — escreveu Dulce Salles Cunha (*Aut. Contemp. Brasileiros*, pág. 229) — «em geral muito pessoais, são quase todos isentos de senões.» (Itajobi, Est. de S. Paulo, 21 de Agosto de 1916 — S. Paulo, Est. de S. Paulo, 23 de Dezembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: *Xangô e Outros Poemas*, obra póstuma.

2-5. Observe-se o ricochete nos dois versos: «Pássaro livre, plana, plana...» e «A fonte corre, corre...»

8. Epanástrofe: «...encarcerando a ideia./Mas a ideia...» Cf. *Dic. Gramatical* — Português, Prof. Francisco Fernandes.

16. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.

22. Dentro dos moldes modernistas, «O Espírito» guarda aquela beleza das coisas transcendental. «Pólen do Universo — o Espírito» — imagem das mais admiráveis; «soltar a melodia das masmorras de sombra para a festa dos sóis»; «esgarçar as brumas de todas as prisões» — são versos que pelo

EU SÓ

23 Eu só e o surdo mundo...
O leito me veste em branco.
As cadeiras repousam em branco.
As paredes estão levantadas em branco,
sustentando o teto parado, em branco.
As janelas talhadas em branco
deixam passar o vento gárrulo e brincalhão,
que desliza sem cor.
As cortinas, parecendo longas mãos brancas,
engastadas nos braços rijos da porta,
acenam adeus, em branco.

34 Eu só e o surdo mundo...
Quero fitar os rostos que me cercam,
mas vejo apenas semblantes graves,
semelhantes a camafeus de cobre em placas de alumínio.
Quero gritar o terror do desconhecido,
mas a boca foi trancada pelas chaves da névoa muito branca
que me envolve de todo...
Falam sómente em mim as grossas gotas brancas
que me rolam da face.

Eu mudo e o surdo mundo...
Depois de muitas horas da expectativa em branco,
45 na vazante branca em que ainda respiro,
surge a enchente das sombras.
Tudo crepeia em torno...

seu poder imagístico e dinamismo expressivo por si sós revelam a pericia do poeta para contagiar o espírito do leitor com o belo que dimana de seus versos livres. Aliás, Pero Neto preenche a finalidade do poeta: "fixar a beleza que passa", com a diferença de que ele fixa, agora, a beleza que nunca passará — o Espírito.

23-34. Observem-se, versos mais abaixo, as variantes do antecanto — "Eu só e o surdo mundo".

45. Digno de nota o gosto obsessivo do poeta pelo vocábulo "branco", chegando a praticar, quase, a batologia.

Céus! Não sou Deus
que traduz a noite em poema de estrelas,
nem pirilampo humilde que acende a lanterninha lucilante...

Eu cego e o surdo mundo...
52 Levanto-me, tateio, choro, clamo, esmagado pelas mós invisíveis
[da escuridão,
por muito tempo...

De improviso, porém, nova luz rasga as trevas, e os fotônios,
que me atingem as pupilas cansadas, dizem-me sem palavras
para que me aquiete,
anunciando, por fim,
que Deus é meu pai
e que a Vida é minha mãe,
guardando-me nos braços,
para sempre, para sempre!

